

EXPOSIÇÃO “FUTEBOL FEMININO E SUAS NUANCES EM TEMPOS DE COPA”: INTERFACE ENTRE MEMÓRIA E LAZER

Recebido em: 27/12/2020

Aprovado em: 02/02/2021

Licença: 

*Nara Romero Montenegro*¹

*Maísa Ferreira*²

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas – SP – Brasil

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir a realização de uma exposição intitulada “Futebol Feminino e suas nuances em tempos de Copa” na Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp entre o período de 29 de maio a 30 de julho de 2019. Nesta exposição, a ideia central foi divulgar e, conseqüentemente, provocar discussões a respeito da história do Futebol Feminino. Nela constavam jornais, revistas, leis, fotografias, além de objetos da cultura material, como medalhas, troféus, uniformes, dentre outros, a nível nacional e regional. A exposição, contou no evento de abertura com a presença da ex-jogadora da seleção brasileira Aline Pellegrino e repercutiu para além dos muros da universidade, recebendo visitas de veículos da imprensa e de escolas públicas. Suscitaram ainda questões sobre memória do futebol feminino, seus desafios e conquistas ao longo do tempo, bem como possibilidade de transformações.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol Feminino. Memória do Futebol. Atividades de Lazer.

EXHIBITION “WOMEN’S SOCCER IN TIMES OF WORLD CUP”: MEMORY AND LEISURE

ABSTRACT: This article aims to discuss the realization of an exhibition entitled "Women's Football in times of World Cup" at the Library of the Faculty of Physical Education at Unicamp between the period of May 29 to July 30, 2019. In this exhibition, the main idea was to disseminate and, consequently, provoke discussions about the history of Women's Soccer. It contained newspapers, magazines, laws, photographs, as well as objects of material culture, such as medals, trophies, uniforms, among others, at national and regional level. In the opening event of the exhibition the retired player Aline Pellegrino of Brazilian team made a speech. The exhibition reverberated beyond the walls of the university, receiving visits from the press and

¹ Doutoranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Educação na Unicamp. Graduada em Licenciatura na Faculdade de Educação Física da Unicamp.

² Doutoranda em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Educação Física na Unicamp. Graduada em Licenciatura e Bacharelado na Faculdade de Educação Física da Unicamp. Atualmente é professora da Rede Municipal de Campo Limpo Paulista. Participa do grupo de pesquisas Transgressão - FEF/ UNICAMP e Margem - FEF/UNICAMP. Ênfase em estudos na área de Educação Física Escolar e Currículo Cultural.

public schools. It also raised questions about the memory of women's soccer, its challenges and achievements over time, as well as the possibility of changes.

KEYWORDS: Women Soccer. Memory of Soccer. Leisure Activities.

Introdução

O futebol feminino no Brasil, embora venha ganhando cada vez mais visibilidade e espaço na imprensa, nos clubes, nas escolas e em outras instituições, ainda figura de forma secundária em muitos desses ambientes. Segundo Silvana Goellner (2005, p.143), “há muito tempo as mulheres protagonizaram histórias no futebol brasileiro”, entretanto, um silenciamento se impôs sob muitas dessas memórias. No Museu do Futebol, por exemplo, inaugurado em São Paulo em 2008, havia em sua fundação e primeiros anos quase que uma ausência completa de informações acerca do futebol praticado por mulheres, segundo Moraes (2009).

Nos últimos anos, pesquisas acadêmicas vêm sendo realizadas no sentido de resgatar a história das mulheres no futebol, bem como explicitar os mecanismos de dominação e preconceito que a atravessaram³. Da mesma forma, a imprensa e alguns veículos de comunicação, cada vez mais especializada no futebol feminino, vem se formando⁴, suscitando perguntas que, embora muito mais preocupadas com o cenário contemporâneo, remetem a respostas que recorrem ao passado.

A partir de 2015, o Museu do Futebol realizou a exposição temporária *Visibilidade para o Futebol Feminino*, a qual lançava importantes questões a respeito do silenciamento da memória do futebol praticado por mulheres: “O que consagramos? O que deixamos esquecido por décadas? O que sabemos sobre a participação feminina

³ Ver: Bonfim (2019); Mourão e Morel (2005); Goellner (2005); Moraes (2009); Salvini e Marchi Junior (2013; Silva (2015), dentre outras.

⁴ Alguns exemplos: <http://www.jogadelas.com/>. Acesso em: 26 dez. 2020; <https://planetafutebolfeminino.com.br/>. Acesso em: 26 dez. 2020; <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/>. Acesso em: 26 dez. 2020; <http://www.torcedores.com/tags/torcedoras>. Acesso em: 26 dez. 2020.

no esporte mais popular do Brasil?”⁵. Desde então, a história do futebol feminino foi inserida em exposições permanentes, temporárias e itinerantes do Museu do Futebol. Já que “o museu pode ser um lazer que amplia saberes a partir de saberes pré-existentes” (PORTELA; BRITO; MONTEIRO, 2018, p.212-213), as investidas como as do Museu do Futebol e da exposição aqui tematizada, os quais retrataram saberes pré-existentes da modalidade, isto é, sua memória, estão imbuídos de potencial para ressignificá-la.

Esses espaços - museus, bibliotecas, arquivos, salas de exposições - são lugares de produção de memórias, que registram e fazem, em certa medida, uma dada realidade social perdurar em outros tempos e contextos culturais (MACEDO; GOELNNER, 2019). Além disso, são espaços de disputa, de silenciamentos, de seleções, de categorizações, enfim, fruto de escolhas que sinalizam para determinadas representações em detrimento de outras (LE GOFF, 2003).

A exposição aqui apresentada foi de encontro à concepção de museologia social, que, de acordo com Chagas *et al.* (2018), estabelece compromissos em relação à diminuição de injustiças sociais, à utilização do poder da memória dos movimentos sociais de minorias, ao combate do preconceito, bem como amplia formas a discussão das desigualdades históricas e socialmente construídas. Considerando, portanto, a memória do futebol como um espaço de disputa é que se deve conceber a ideia da exposição “Futebol Feminino e suas nuances em tempos de Copa”. Este artigo tem como objetivo discutir a realização e possíveis implicações desta exposição, bem como a de seu evento de abertura. O debate centraliza-se no lugar das memórias da participação das mulheres na modalidade, a qual é conhecida como significativa na definição da identidade nacional, mas que historicamente lhes foi minimizada e até destituída.

⁵ Disponível em: <https://futebolfeminino.museudofutebol.org.br/>. Acesso em: 20 nov. 2020

A exposição “Futebol Feminino e suas nuances em tempos de Copa” foi uma realização do Coletivo Feminista FEFEMANA, sugerida e organizada por alunas da Faculdade de Educação Física, em parceria com a Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Contou, ainda, com a colaboração de Silvana Goellner, Fernando Pereira e o Museu de Esporte de Campinas. A exposição teve como propósito divulgar e, conseqüentemente, provocar discussões a respeito da história do Futebol Feminino, contando com jornais, revistas, leis, fotografias, além de objetos da cultura material, como medalhas, troféus, uniformes, dentre outros, a nível nacional e regional.

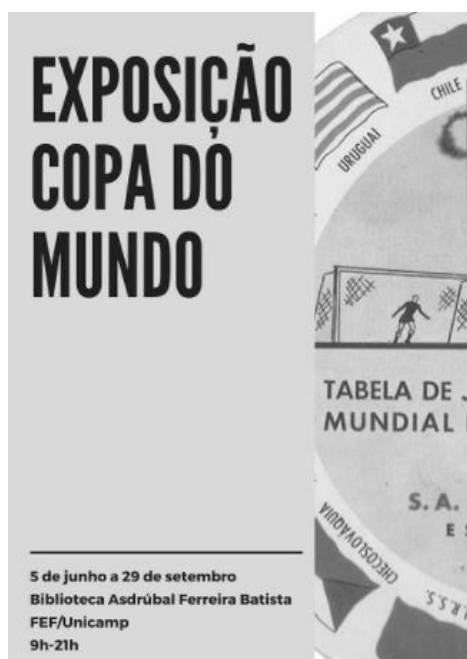
Origens de uma Exposição sobre Futebol Feminino

Como anunciou Françoise Thébaud (1990, p.12), “Durante muito tempo a história foi a história dos homens, vistos como representantes da humanidade”. Com a história do esporte, do futebol, não foi diferente. Mas o que a história das mulheres no futebol pode nos dizer de relevante? Além de colocá-las em evidência como sujeitos históricos também capazes de protagonizar feitos esportivos notáveis, pensar a relação que as mulheres estabeleceram com o futebol ao longo do tempo, auxilia-nos a entender os meandros das normatizações e representações de uma prática que se constituiu como referencial na identidade nacional ao longo do século XX. Afinal, a história das mulheres é uma história relacional e “interroga toda a sociedade e que é, na mesma medida, história dos homens” (DUBY; PERROT, 1990, p.7).

De fato, a ideia da exposição “Futebol Feminino e suas nuances em tempos de Copa” foi concebida justamente da Copa do Mundo de Futebol Masculino, um ano antes, em 2018. Uma exposição a respeito da história do evento foi realizada pela Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp, composta por elementos unicamente do futebol masculino. Esta exposição, que se intitulava “Copa do Mundo”

(Figura 1), foi criada por docentes da instituição para divulgar e fomentar o debate sobre o conhecimento, de um dos maiores eventos esportivos mundiais: a Copa do Mundo de Futebol Masculino. Embora estejamos enfatizando que a exposição era sobre futebol masculino, as imagens da sua divulgação eram generalistas, aplicando o termo “Copa do Mundo” como sendo aquela do futebol masculino, atribuindo por meio de uma linguagem universalista aos homens um lugar de autênticos representantes da modalidade.

Figura 1: Cartaz da “Exposição Copa Mundo”, referente à Copa Masculina de Futebol.



Fonte: Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/noticias/exposicao-da-copa-do-mundo>. Acesso em: 26 dez. 2020.

No ano seguinte, em 2019, o *Coletivo Feminista da Faculdade de Educação Física* da Unicamp (FEFEMANA) sugeriu, às professoras (es) e funcionárias (os) responsáveis da Biblioteca, que uma exposição a respeito do futebol feminino fosse também promovida, uma vez que naquele ano haveria uma Copa do Mundo de Futebol

Feminino⁶. A iniciativa foi bem recebida e uma parceria entre alunas, professoras (es) e funcionárias (es) se estabeleceu por meio de reuniões para realização do evento.

Segundo o Estatuto do Conselho Internacional de Museus (ICOM),

[...] museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que *adquire, conserva, estuda, expõe e transmite* o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de *estudo, educação e deleite* [...] ⁷ (grifo nosso).

Na dificuldade de registros e acesso sobre o tema específico de Copa do Mundo Feminina, optou-se por fazer uma exposição geral, sobre aspectos centrais para a memória do futebol feminino de uma forma generalista e mais especificamente sobre a prática a nível regional. Os materiais obtidos para exposição foram resultado de contatos com os clubes Guarani, Ponte Preta e Bonfim. Além disso, contactou-se autores e autoras de pesquisas sobre a temática do futebol feminino, bem como praticantes e ex praticantes, treinadores, árbitras e gestores e gestoras de notoriedade da região. Todos esses contatos foram responsáveis por auxiliar nas pesquisas e obtenção de acervos, culminando na exposição que durou aproximadamente dois meses, conforme o cartaz a seguir (Figura 2).

⁶ A Copa do Mundo de Futebol Feminino citada no texto ocorreu entre os dias 7 de junho e 7 de julho de 2019 na França. Foi a oitava edição do campeonato organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e contou com a participação de 24 seleções nacionais.

⁷ Definição disponível na página oficial do ICOM. Disponível em: <http://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

Figura 2: Cartaz da Exposição “Futebol Feminino e suas nuances em tempo de Copa”.



Fonte: Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/noticias/exposicao-futebol-feminino-biblioteca-fef>
Acesso em: 26 dez. 2020.

A abertura da exposição, no dia 29 de maio de 2019, contou com a presença de Aline Pellegrino (Figura 3), ex atleta da seleção brasileira de futebol feminino, na época coordenadora do departamento de futebol feminino da *Federação Paulista de Futebol (FPF)*, atualmente coordenadora de competições femininas da *Confederação Brasileira de Futebol (CBF)*. Em sua fala de abertura, ressaltou as últimas conquistas do futebol feminino no cenário nacional e internacional, bem como alguns preconceitos e desafios historicamente construídos ainda a serem enfrentados. Professores, coordenadores, diretores, comunidade discente interna e externa à Faculdade de Educação Física da Unicamp também participaram do evento de abertura.

Figura 3: Aline Pellegrino no evento de abertura no dia 29 de maio de 2019.



Além disso, para o evento de abertura materiais lúdicos foram disponibilizados, sendo eles um vídeo game contendo o jogo *FIFA 19*, com atualização que incluía a Copa do Mundo de Futebol Feminina, sendo a “primeira vez que uma competição oficial da FIFA de Futebol Feminino fez parte de um jogo da franquia”⁸; e uma mesa de futebol de botão, cujas peças representavam jogadoras do São Paulo e do Corinthians, equipes de destaque e posteriormente finalistas do Campeonato Paulista de Futebol Feminino de 2019.

Como diversas pesquisas vêm mostrando, jogos e brincadeiras, sejam no ambiente escolar ou de lazer, são espaços de conflitos entre diferenças culturais e de gênero⁹. A representatividade de mulheres ou personagens identificadas e nomeadas como jogadoras nesses dispositivos lúdicos, tradicionalmente pertencente a esfera masculina, dos meninos, aponta para mudanças sociais de conquista de espaço por elas, pelas meninas. A escolha e o encontro entre esses dois jogos, um tradicional que remete à infância tradicional, e outro virtual que evoca à infância contemporânea, virtualizada,

⁸ Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/2019/05/fifa-19-ganha-atualizacao-com-a-copa-do-mundo-de-futebol-feminino.ghtml>. Acesso em: 26 dez. 2020.

⁹ Ver: Carvalho e Cruz (2006); Mourão e Pereira (2005); Atlmann (2015).

representa a articulação entre o passado e o presente, marca característica da exposição que pretendia reunir aspectos da memória do futebol feminino com a atualidade, materializada no contexto da Copa do Mundo.

A Exposição “Futebol Feminino e suas Nuances em Tempos de Copa”

Na montagem da exposição reunimos, com apoio do grupo responsável¹⁰ pela organização, inúmeros materiais, dentre eles: leis, jornais, revistas, fotografias, imagens, uniformes oficiais, medalhas, troféus, bolas, apitos, enfim, uma série de objetos da cultura material. Afinal, a exposição opera com a ideia de que fatos ausentes podem ser evocados a partir de objetos, meios de apresentados como signos. (SHÄRER¹¹, 2003 apud DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Há alguns anos, Rodrigues (2011) vem destacando a atenção à memória como estratégia de gestão do esporte. A administração esportiva brasileira, com a finalidade de qualificar ações de gestão, por meio de informação e conhecimento a respeito do passado, vem se sensibilizando quanto ao tema, concentrado sobretudo em centros de memória esportiva em universidades, museus e instituições de clubes esportivos. De fato, em 2019, identificava-se pelo menos dez Centros de Memória de Educação Física e Esporte em universidades federais brasileiras (MACEDO; GOELLNER, 2019).

Museus e exposições são lugares de encontro com objetos, que sugerem esforço de contemplação e interpretação, conhecimento e sensibilidade, emoções.

[...] lugar por excelência da apreensão do sensível pela apresentação dos objetos à visão (visualização), “mostração” (o ato de demonstrar como

¹⁰ Para a montagem da exposição, além das autoras, a professora então coordenadora da Biblioteca da Faculdade de Educação Física, Olivia Cristina Ferreira Ribeiro, e a funcionária da biblioteca Dulce Inês Leocádio participaram ativamente da coleta e organização dos materiais. Fernando Pereira, curador do Museu dos Esportes de Campinas e Silvana Goellner, professora aposentada da UFRGS e então coordenadora do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS atuaram como importantes colaboradores. Houve ainda empréstimo de material por parte do clube Bonfim, em nome de Carlos Alberto Miyasada (o “Maguila”), do professor Sérgio Giglio e da professora Heloisa Reis, ambos da Unicamp, bem como de instituições internas à Unicamp ligadas ao esporte, como a Atlético da Faculdade de Educação Física e Liga das Atléticas da Unicamp.

¹¹ SCHÄRER, Martin. **Die Ausstellung** – Theorie und Exempel, München, Müller-Straten. 2003.

prova), e ostensão (como uma forma de sacralização de objetos por adoração). Por meio deste processo, o visitante é colocado na presença de elementos concretos que podem ser exibidos por sua própria importância (como no caso de quadros ou relíquias), ou por evocarem conceitos ou construções mentais (a transubstanciação, o exotismo) (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.43).

A sensibilidade no encontro com o objeto, seja o objeto autêntico ou reproduzido, evoca realidades sociais vividas. No caso da exposição aqui tematizada: a memória do futebol feminino ao longo do século XX e início do século atual. Considera-se atividades ligadas à visitação de museus e exposição uma atividade de lazer capaz de fazer refletir, admirar, surpreender, reinventar, sobretudo quando a *nova museologia* tende ao processo de democratização (PORTELA; BRITO; MONTEIRO, 2018). Incluindo-se novos objetos, como a história do esporte, e novos sujeitos históricos, dentre eles nós, mulheres.

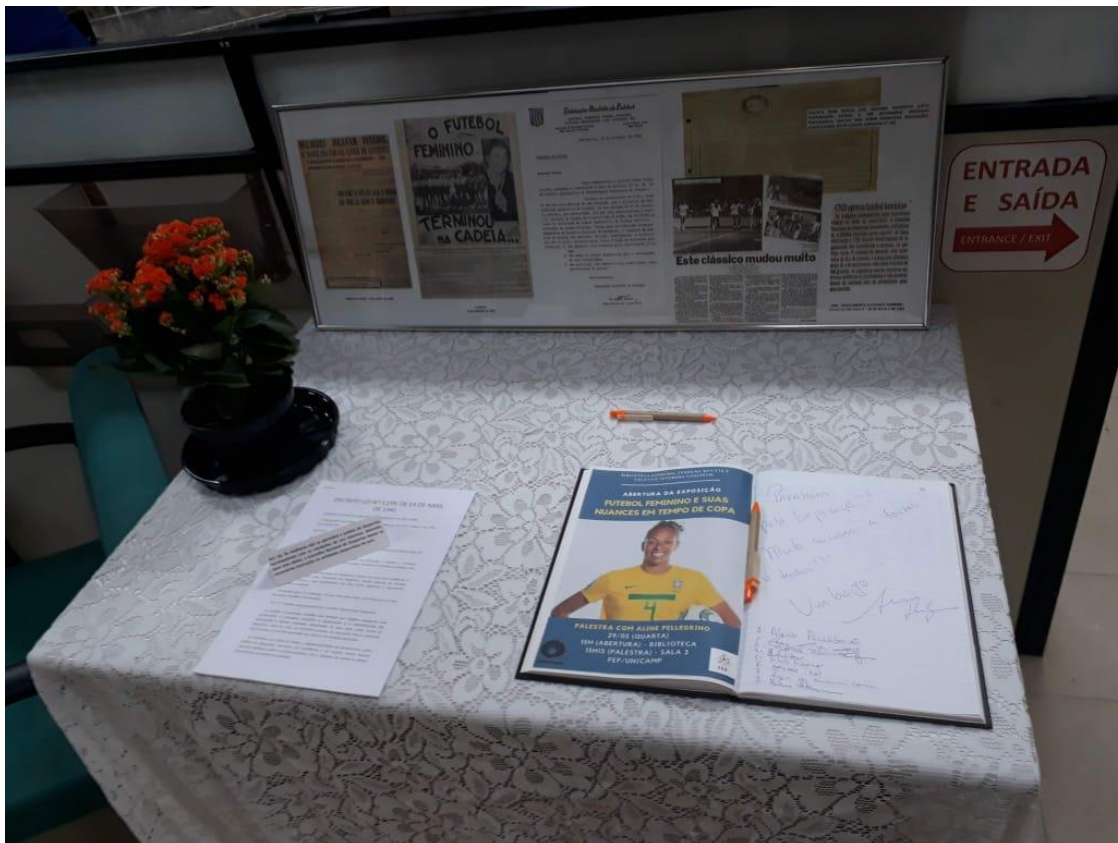
Legislação: Entre Proibições e Subversões

Um trecho da exposição “Futebol Feminino e suas nuances em tempos de Copa” foi dedicada a explicitar algumas das raízes que explicam a desvalorização e preconceito que ainda reverberam em relação à modalidade. Oficialmente, o Decreto-Lei n. 3199 de 1941 proibiu a prática do futebol por mulheres, bem como outras modalidades. No decreto que estabelecia as bases da organização esportiva do país, presidido a época por Getúlio Vargas, constava em seu art. 54 a seguinte determinação: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941).

Embora “prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” fosse um termo bastante genérico, do ponto de vista prático o futebol encaixava-se nessa categoria. Jornais noticiavam partidas de futebol de mulheres que eram interrompidas de

acordo com essa interdição, como na notícia que anunciava em sua manchete “O futebol feminino terminou na cadeia”¹² (Figura 4).

Figura 4: Mesa de abertura livro de visitas, trechos de jornais e Decreto Lei de 1941.



Com intuito de especificar ainda mais, em 1965, uma deliberação assinada pelo presidente do Conselho Nacional de Desportos anunciava os esportes proibidos para mulheres, eram eles: lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, rugby, halterofilismo e baseball (BRASIL, 1965).

A legislação, além de indicar para uma interdição, aponta para uma questão importante de ser ressaltada para além do documento oficial. Se um decreto proibitivo se fez necessário é sinal que a prática já era realizada anteriormente, cabe, portanto, a premissa de que mulheres se organizavam para jogar futebol bem antes de 1941. De fato, pesquisas como a de Aira Bonfim (2019), vêm investigando essas primeiras investidas de mulheres na modalidade. Nesse sentido, a exposição trouxe trechos de

¹² Fonte: A Gazeta, São Paulo, 16 jan. 1941, p.5

jornais da década de 1920, portanto anterior ao decreto-lei de 1941, que tematizavam partidas de futebol entre mulheres.

Outro aspecto, ainda, que vem sendo amplamente discutido, é a ideia de que apesar da legislação de 1941, as mulheres nunca tenham deixado de jogar. A história, como aconselhou Marc Bloch (2001) existe para além do documento oficial, por isso tão importante é cruzar fontes diversas, oficiais, da imprensa, imagens, objetos da cultura material. Pode-se afirmar que uma legislação explicita o que era considerado certo e errado, legal e ilegal, entretanto uma realidade normativa nem sempre coincide com uma realidade social na prática. Com efeito, a despeito da lei, as mulheres continuavam a jogar futebol, afinal, se havia notícias policiais sobre o tema é porque o ato proibitivo seguia ocorrendo (SILVA, 2015).

A proibição por meio da legislação foi uma das principais responsáveis pelo desmemoramento do futebol feminino. “Os discursos criados desde a década de 1930, assim como a própria proibição do futebol praticado por mulheres, vão incidir diretamente sobre o que sabemos, conhecemos ou deixamos de pesquisar sobre o futebol feminino no Brasil.”, afirmou Aira Bonfim (2019, p.194). Embora continuassem jogando, do ponto de vista oficial competições e instituições esportivas pararam de divulgar e promover os jogos. Nesse sentido, foi um período de ausência de incentivo para o seu desenvolvido e, conseqüentemente, um apagamento de documentos.

A exposição buscou apresentar essa multiplicidade do cenário. Havia interdições, mas havia também, por outro lado, subversão dessas mesmas interdições, compondo um cenário de uma realidade social complexa, como efetivamente o era.

Imprensa, Visibilidade e Desafios

Em outras composições da exposição, sobretudo posteriormente à revogação do decreto proibitivo, em 1979, e a regulamentação do esporte, em 1983, exibiu-se o futebol feminino na imprensa, jornais e revistas nas décadas de 1980, 1990 e 2000. A mídia esportiva é um importante fator construtor da identidade das mulheres e do futebol nacional, tendo, portanto, papel fundamental na construção de concepções, estereótipos, preconceitos vulgarizados a respeito da prática do futebol por mulheres (MOURÃO; MOREL, 2005).

A imprensa, em relação ao futebol feminino, operou de uma forma ambígua e oscilante, a depender dos discursos que circulavam no período sobre ideias popularizadas de feminilidade, do viés progressista ou conversador do jornal, do público-alvo a quem se destinava, enfim, uma série de fatores. A mídia esportiva não ofereceu apoio incondicional, afirmativo e unânime em relação ao futebol feminino, que de acordo com Mourão e Morel (2005, p.84) “são ondas que até o momento oscilam mas não garantem o fenômeno das marés”. Em alguns momentos, divulgavam resultados de forma entusiástica, narrativas dos jogos, isto é, publicizavam a prática, algo já comum para a imprensa no que diz respeito ao futebol masculino. Em outras situações, apontavam os desafios e preconceitos encarados pelas mulheres praticantes do futebol, como na manchete que dizia “Foot-ballso pra homem? Corinthians e Vila Hilda provarão, hoje, que não” (Figura 5) ou em “Meninas ignoram o preconceito” (Figura 6).

Figura 5 : Jornais e Revistas antes e durante período da proibição.



Fonte: Luiz Felipe Longo. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/das-dificuldades-no-acervo-a-ajuda-coletiva-grupo-organiza-exposicao-de-futebol-feminino-em-campinas.ghtml>. Acesso em: 24 dez. 2020.

Figura 6: Jornais e revistas das décadas de 1980 e 1990.



Por outro lado, a exposição trouxe também perspectivas divergentes da imprensa. Os anos de 1980 e 1990 caracterizaram-se pela maior inserção das mulheres nos esportes antes considerados incompatíveis com a “sua natureza” e baseado num ideal de feminilidade fragilizada. Uma vez que um deslocamento da beleza idealizada

vinha se operando, no sentido agora de maior saúde, vigor, energia como sinônimo de beleza, mulheres magras, atléticas, fortes passaram a protagonizar a publicidade e os veículos de imprensa (GOELLNER, 2005; MOURÃO; MOREL, 2005; SANT'ANNA, 2014).

Nesse sentido, uma imagem de mulher atlética passou a ser imbuído de uma sensualidade, ainda que o corpo excessivamente musculoso fosse ainda associado à masculinidade e, portanto, à homossexualidade. Esse foi um paradoxo que as imagens das mulheres esportistas enfrentaram na imprensa e mídia esportiva nas décadas de 1980 e 1990. Ao mesmo tempo em que o corpo atlético das mulheres passava a ser sexualizado a partir da ascensão de um novo ideal de beleza, resquícios da idealização tradicional associavam esse corpo a uma representação masculinizada e de uma sexualidade duvidosa.

Como resultado, nesse período as instituições esportivas e a imprensa operam dentro da lógica desse cenário. Um caso bastante emblemático nesse sentido foi a revista *Placar*, analisada por Salvini e Marchi Júnior (2013) e que também compôs a exposição (Figura 7). De acordo com os autores, havia “o anseio da mídia em veicular o futebol feminino sempre associado ao ser feminino enquanto construção social de gênero pautado na sexualidade” (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013, p.111). Por isso, comumente jogadoras apareciam em capas e fotografias com poucas roupas, maquiadas e bem penteadas, em poses que não remetiam de forma alguma à prática do futebol. Eram retratadas, enfim, de uma maneira sensualizada que, embora fosse uma estratégia mercadológica, posicionava o tema da espetacularização do corpo feminino acima de aspectos centrais para o desenvolvimento da modalidade, como a habilidade e a técnica¹³.

¹³ Famoso exemplo nesse sentido é o caso de Milene Domingues. Ao comentar um depoimento de Luiz Miguel de Oliveira, então chefe da delegação brasileira, Mourão e Morel (2005) afirma que “O chefe da

Figura 7: Balcão de exposição Revista Placar.



A associação entre beleza e o futebol tinham duas implicações que mais uma vez deslegitimavam a prática da modalidade por mulheres. Essa relação, de protagonismo de jogadoras mais bonitas ao invés das mais habilidosas, ou mesmo a excessiva veiculação de imagens de atletas hipersexualizadas, geravam uma desconfiança sobre o futebol feminino, sobre a verdadeira habilidade das jogadoras, sobre a capacidade competitiva, atlética da modalidade (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2013; MOURÃO; MOREL, 2005). O futebol feminino tendia a ser uma caricatura, um produto a ser consumido por homens interessados mais em mulheres do que propriamente em futebol.

Outro aspecto relativo à imagem da beleza é interpretá-la como uma reação mercadológica “visando desmistificar a polêmica homossexual que rondava a prática do

delegação brasileira assume, na sua declaração, que a jogadora Milene foi convocada devido a uma estratégia de marketing pela sua ligação matrimonial com o jogador Ronaldo. Sua presença não se faz pelo critério técnico, relegado a segundo plano. Há, então, no selecionado feminino uma inversão de valores. É convencional convocar uma seleção a partir de escolhas feitas com critérios objetivos, tais como refinamento técnico, habilidade, performance atlética e condicionamento físico. Mas na seleção feminina de futebol, recorrer ao critério de marketing é muito importante para a sua manutenção. Essa estratégia, declarada pelo chefe da delegação brasileira, legitima o efeito “sanfona” como metáfora da situação do FF no Brasil. No entanto, cabe ressaltar que a situação do FF é tão grave que ele ganha mais com a participação da Milene do que perde sem os critérios seletivos aplicados à sua convocação. Pois esta jogadora, mesmo possuindo condições desfavoráveis tecnicamente, traz para a seleção feminina visibilidade e tráfico de influência pela condição que ocupa como mulher, na vida futebolística do país, por ser casada com uma celebridade” (MOURÃO; MOREL, 2005, p.83)

futebol feminino no Brasil” (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2013, p.112). Acreditava-se que colocar em evidência mulheres que performatizavam uma feminilidade considerada aceita tradicionalmente, ganhava-se não só mais visibilidade para a modalidade, como afastaria a frequente associação entre homossexualidade e futebol feminino. O futebol, por meio de uma construção cultural historicamente estruturada, foi concebido como prática social típica da esfera masculina, por isso uma resistência na entrada das mulheres se operou. Pois aquelas que aderem a prática, tem seus corpos e comportamentos estigmatizados como masculinizados, além de terem sua sexualidade e até autenticidade do seu sexo questionada (MOURÃO; PEREIRA, 2005; GOELNNER, 2005).

Cultura Material e Conquistas do Futebol Feminino

Além da legislação e da imprensa, outros elementos compuseram a exposição, como exemplares da cultura material esportiva. Almanques, cartazes, brasões, camisas, medalhas, troféus, uniformes e bolas são parte também da memória do futebol feminino a nível nacional e regional. De fato, uma história oficial do futebol feminino com federações, clubes, instituições se deu a partir da década de 1980, com o fim da proibição da prática. Como importante marco foram a formação, ainda que algumas temporárias, de equipes femininas: o pioneiro Guarani e posteriormente o Saad na cidade de Campinas (uniformes na Figura 8), Portuguesa, Corinthians e São Paulo na capital paulista. No Rio de Janeiro destacou-se o Esporte Clube Radar, maiores campeãs da década, que ficaram conhecidas pelas campanhas vitoriosas, inclusive representando o Brasil, já que a seleção brasileira só viria a ser formada na década seguinte (GOELLNER, 2005; MOREL; SALLES, 2005).

Figura 8: Uniformes, troféus e fotografias expostas.



De acordo com Mairesse e Desvallées (2013), já que a realidade não pode ser simplesmente transferida a um espaço, a exposição não se trata, portanto, de reconstruí-la, mas sim de comunicá-la por esse dispositivo. Nesse sentido, objetos da cultura material pertencentes à memória do futebol feminino, diferente dos discursos da imprensa esportiva, mais evocam aspectos autênticos da dinâmica da prática esportiva em si do que suas representações. Os objetos da prática (bola, apitos, troféus, uniformes) dispõe de recursos para exaltar as conquistas no processo que, apesar da legislação, dos desafios impostos pela mídia, do preconceito enraizado, compõem também parte dessa memória. A despeito de tudo, houve futebol praticados por mulheres, houve jogadoras, houve títulos.

Nos discursos os quais uma exposição é capaz de tecer, esses objetos surgem com uma materialidade ligada genuinamente à prática. Por outro lado, ao serem

expostos orientados por uma racionalidade de narrativa e uma linguagem própria de exposição, adquirem uma espécie de sacralização.

Suportes como a vitrine ou molduras, que servem como separadores entre o mundo real e o mundo imaginário do museu, são apenas marcadores de objetividade, que servem para garantir a distância (para criar “um distanciamento”, como dizia Berthold Brecht sobre o teatro) e para assinalar que estamos em um outro mundo de artifício, de imaginação (Mairesse e Desvallées (2013), p.44).

O distanciamento, operado pelos artifícios da exposição, a organização das bancadas, as vidraças, as molduras, garantem essa sacralização dos objetos. O visitante estar perto dos materiais esportivos, entretanto ao mesmo tempo longe, ao reconhecer que do lado de lá do vidro, há uma memória de conquistas relevante, grandiosa, memorável.

A disputa pela memória esteve e tem estado em diversas tempos e esferas da vida social, afinal, a necessidade identitária atribui ao passado um lugar importante na sua construção (D’ALÉSSIO, 1993). Reconhecer legitimidades de grupos sociais muitas vezes passa por identificar origens, episódios históricos e desenvolvimento ao longo do tempo de antecessores. Ao tematizar a memória do esporte no Brasil, Rodrigues (2011), além de apontar a importância da preservação, pelo seu valor em si, sobretudo quando o fenômeno esportivo é abordado a partir de diferentes e múltiplas representações; destaca ainda a potencialidade que a divulgação e transmissão de memórias tem para ajudar na compreensão do presente e a parte das questões atuais. Nesse sentido, por exemplo, entender a ainda precária estrutura do futebol feminino no país, sobretudo quando confrontada ao futebol masculino, passa por considerar a memória de interdições as quais essa modalidade experienciou. A autora vai ainda mais adiante: entender pode impulsionar no sentido de modificar o presente e reestruturar o futuro, estabelecendo uma relação direta com o devir: “Mais do que compreender essa constituição, a memória pode nos ajudar a reinventar a prática esportiva, uma vez que a memória pode

ser vista como uma forma de aposta no que está por vir, nos ajudar a inventar o presente e o futuro do esporte” (RODRIGUES, 2011, p.27).

Considerações Finais

A exposição “Futebol Feminino e suas nuances em tempos de Copa” teve como objetivo divulgar e problematizar por meio de dispositivos típicos de exposições, a memória a respeito do futebol praticado por mulheres. Nesse evento de durabilidade de aproximadamente dois meses, que coincidiam com a realização da Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA 2019, foram expostos leis, jornais, revistas, fotografias e objetos da cultura material da modalidade.

A Copa do Mundo de 2019 foi marcante por ter sido o estopim da exposição e no sentido de ser fomentadora da discussão acerca do futebol feminino. Na mídia esportiva, muitos veículos da imprensa consideraram que a Copa teve significativas conquistas, dentre elas, primeiro evento transmitido no país em sinal de TV aberta, primeira vez que a patrocinadora oficial de uniformes lançou uma camisa exclusiva feminina da seleção brasileiras, recordes de audiência, envolvimento dos patrocinadores tematizando a visibilidade da modalidade, etc.¹⁴. Entretanto, por outro lado, diversas demandas em prol de igualdade se expressaram, como a equiparação de premiações oficiais, a formação mais estruturada de categorias de base da modalidade, a presença de mulheres em cargos de comissão técnica e gestão, dentre outras. Tendo em vista esse cenário, a exposição encaixou-se como um dispositivo de comunicação e divulgação da memória do futebol feminino que, em boa medida, auxiliava na compreensão do

¹⁴ Algumas notícias que atestam esse movimento:

<http://oglobo.globo.com/celina/por-que-copa-do-mundo-feminina-de-2019-ja-historica-23724254>.

Acesso em: 25 dez. 2020; <http://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/06/09/ha-um-ano-copa-do-mundo-na-franca-quebrava-mitos-do-futebol-feminino/>. Acesso em: 25 dez. 2020; <http://globoesporte.globo.com/blogs/blog-do-rodriigo-capelo/post/2019/07/05/copa-do-mundo-feminina-mais-do-que-dobra-audiencia-de-edicao-anterior-e-bate-recorde-no-brasil.ghtml> Acesso em: 25 dez. 2020; http://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/29/deportes/1561762967_356406.html Acesso em: 25 dez. 2020.

passado e do presente, tão em evidência naquele momento pela realização do grande evento da Copa.

Durante o período de sua realização, a exposição recebeu diversos visitantes internos e externos à universidade, veículos da imprensa e alunas (os) de escolas públicas, o que impulsionou ainda mais seu alcance. Por ter sido realizado ainda dentro de uma universidade pública, a exposição além da capacidade de divulgação, teve potencialidade daquilo que Macedo e Goellner (2019) denominaram de formação de pessoas, já que na Faculdade de Educação Física diplomam-se alunas (os) que atuam na área de atividades físicas, lazer e esportes.

Considerando que a memória é elemento significativo na constituição de identidades, sua preservação passa necessariamente por disputas de interesses e conflitos. Sistematizar, divulgar e debater a memória do futebol feminino aparece não só como explicitação de um passado historicamente desafiador para mulheres que se aventuraram a jogar futebol, entre proibições legais e preconceitos, e com finalidade de compreender as assimetrias atuais. Mas também como forma de posicionar essas personagens - mulheres praticantes de futebol - como sujeitos de uma história digna de ser considerada, anunciada, valorizada, como sujeitos da história do mais popular esporte do país, o futebol. Não deixar que o apagamento e esquecimento sobreponha-se à memória, já que uma história é sempre feita de escolhas. A escolha pela memória do futebol feminino foi a intenção da exposição aqui discutida, afinal de contas, não queremos um futebol desmemoriado ou parcialmente memorado. Queremos a reconstituição de um passado em que todos os grupos sociais, sejam quais forem suas manifestações possíveis do esporte, estejam presentes, isto é, presentes nos três tempos: passado, presente e futuro.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. 213 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2019.
- BRASIL. **Decreto-lei n. 3.199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 23 dez. 2020
- _____. **Deliberação nº 7** do Conselho Nacional de Desportos, de 7 de agosto de 1965. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>. Acesso em: 23 dez. 2020.
- CARVALHO, Marília Pinto de; CRUZ, Tania. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. **Cadernos Pagu** (UNICAMP), v. 26, p. 113-144, 2006.
- CHAGAS, Mario.; PRIMO, Judite; ASSUNCAO, Paula; STORINO, Claudia. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 55, p. 73-102, 2018.
- D'ALÉSSIO, Márcia. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, p. 97-103, set 1992/ago 1993.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (eds.) Exposição. *In*: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013, p.42-46.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. Escrever a História das Mulheres. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle; FRAISSE, Geneviève (direção). **História das Mulheres no Ocidente**. v. 5. Porto; São Paulo: Afrontamento: EBRADIL, 1990, p.7-8.
- GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n.2, p. 143-151, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana. Centros de Memória da Educação Física e Esporte das universidades federais brasileiras: preservar memórias para reconstruir histórias. **Movimento**, v. 25, p. e25039, 2019.

MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André. Introdução. In: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013, p.17-24.

MORAES, Enny Vieira. O museu do futebol e uma história parcial; ou não há futebol feminino no Brasil? **Record**: Revista de História do Esporte, v. 02, 2009.

MOREL, M.; SALLES, J.G.C. Futebol feminino. In: DaCOSTA, L.P. (ed.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MOURÃO, Ludmila.; PEREIRA, Sissi. Identificação de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Motriz** (Rio Claro), v. 11, p. 205-210, 2005.

_____; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n.2, p. 73-86, 2005.

PORTELA, Evaldo; BRITO Cristiane e MONTEIRO, Claudia. As Instituições Museológicas e as Práticas de Lazer. **Licere**, v. 21, p. 184-217, 2018. DOI: <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1936>.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. Centro de Memória e Informação do Esporte: uma política de preservação da memória do esporte mineiro. **Cadernos de História** (Belo Horizonte), v. 12, p. 25-37, 2011.

SALVINI, Leila.; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Uma História do Futebol Feminino nas Páginas da Revista Placar entre os Anos de 1980 - 1990. **Movimento** (Porto Alegre. Online), v. 19, p. 95-115, 2013.

SANT'ANNA, Denise. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

THÉBAUD, Françoise. Introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle; FRAISSE, Geneviève (direção). **História das Mulheres no Ocidente**. v. 5. Porto; São Paulo: Afrontamento: EBRADIL, 1990, p.9-29.

Endereço das Autoras:

Nara Romero Montenegro
Faculdade de Educação da Unicamp
Rua Bertrand Russell, 643, Cidade Universitária
Campinas – SP – 13.083-970
Endereço eletrônico: nararomerom@hotmail.com

Maísa Ferreira
Faculdade de Educação Física da Unicamp
Av. Érico Veríssimo, 701, Cidade Universitária
Campinas – SP – 13.083-970
Endereço eletrônico: maisaf93@gmail.com